

## CONFISSÕES DE UM VELHO INTELLECTUAL: LEITURA BOURDIEUSIANA DE “UM ESCRITOR NO PURGATÓRIO”

Fernando Jorge dos Santos Farias\*

### UM ESCRITOR NO PURGATÓRIO

*Logo no começo desta entrevista, Dalcídio [escritor entrevistado] nos mostrou [Antonio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão, entrevistadores] os originais inéditos dos seus dois últimos romances: Chão dos Lobos e Ribanceira.*

*E anunciou a possibilidade de que este ano o “Chove” e o “Marajó” sejam reeditados.*

*Já era tempo. Dalcídio tem 67 anos e está doente.*

*Mas o seu pensamento está de pé: lúcido, alerta, sensível, corajoso, emocionante. Forte e inteiro como um tronco de acapu (Pedro Galvão).*

*- De noite, eu menino, pescava à janela do chalé, em Cachoeira do Arari. Os peixes vinham na inundação de março, o rio transbordando. Fisgava matupiri, sardinha, um e outro cachorrinho-de-padre. Nunca um tucunaré, um aruaná, peixes nobres. Mas o gosto de pescar ficou, a visão da enchente permanece. Assim foi na pesca literária. Não consegui fisgar um livro à altura da minha pretensão e da minha paciência. Fisguei peixinho ordinário, o que me coube pescar, sorte ou desvalia, na humanidade marajoara. Por isso as vozes do meu romance são fracas, curtas, diluídas na extensão de dez volumes difusos. Mas foi um descobrimento. Não se apagou a noite, a janela, a enchente mágica, o peixe correndo na linha. Foi a tentativa inicial de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara. Vale como um depoimento, uma memória, uma denúncia, uma antecipação. Tentei captar o trivial, o não heróico, o dia-a-dia da vida marajoara, vida que parece tão coisa nenhuma e é, no entanto, tão de todo mundo. Não figurei Marajó como um inferno nem tampouco como um paraíso perdido. Criei nela o meu universo, a terra encantada, e escrevi com prazer, candura e desencanto, com obstinação ingênua e saboroso desgosto, horas e horas vivi na mais divertida e amarga ilusão literária. A flauta é tosca, toquei de orelha mas toquei com sentimento. O caroço de tucumã, jogado na palma da mão de Alfredo, levava o menino ao diálogo com sonhos, ambições e miragens. Esse jogo solitário, no campo ou debaixo do ingazeiro, se tornou em fermento romanesco. Do grelo no caroço podre brotou Chove nos Campos de Cachoeira, matriz de toda a obra. Com o tucumã na palma da mão, fui capturando almas, cenas, figuras, linguagens, coisas, bichos, costumes, a vivência marajoara que ressoa, miudinho como num búzio, em dez volumes.*

*A entrevista começou assim: com um texto de Dalcídio, lido em voz alta. E por aí, por esse pequeno exemplo da arte de escrever, a gente vê o escritor que ele é.*

*Dalcídio está morando em Laranjeiras, Rio de Janeiro. No dia 10 de janeiro, quando chegamos lá, estava fazendo 67 anos. Comemos pudim, bebemos refresco de maracujá e conversamos durante três horas. Para início de conversa, ele não aceita o rótulo de romancista da Amazônia.*

*- Eu não gosto desse rótulo. Eu sou um escritor marajoara. É mais restrito, mas mais exato. No entanto, exatamente porque soube aprofundar as realidades humanas da ilha do Marajó e de Belém do Pará, sua obra atravessa essa fronteira. É uma visão de toda a sociedade do Extremo norte. E, nesse sentido, é uma denúncia.*

---

\*Professor Efetivo da Universidade Federal do Pará, campus Altamira. Doutorando em Educação da Universidade de São Paulo – USP. Contato: [ffarias@usp.br](mailto:ffarias@usp.br)

- A visão que eu tive como romancista era a visão de que a realidade social é feita de lutas. De forma que eu tomei uma posição política. Meu romance é um romance político. Fui menino de beira-rio, do meio do campo, banhista de Igarapé.

Passsei a juventude no subúrbio de Belém, entre amigos nunca intelectuais, nos salões da melhor linhagem que são os clubinhos de gente da estiva e das oficinas, das doces e brabinhas namoradas que trabalhavam na fábrica. Um bom intelectual de cátedra alta diria: são as minhas essências, as minhas virtualidades. Eu digo tão simplesmente: é a farinha-d'água dos meus beijos. Sou também de lá, sempre fiz questão de não arredar pé de minha origem e para isso, ou melhor, para enterrar o pé mais fundo, pude encontrar uma filiação ideológica que me dá razão. Os temas dos meus romances vêm do meio daquela quantidade de gente das canoas, dos vaqueiros, dos colhedores de açaí. Uma das coisas que eu considero válidas na minha obra é a caracterização cultural da região. Acumulei experiências, pesquisei a linguagem, o falar paraense, memórias, imaginação, indagações. Para um escritor pobre, sem vagares e ócios remunerados, o esforço foi, às vezes, de desesperar, de tão braçal. Mas foi ao mesmo tempo, uma delícia, uma forma de satisfeita revolta contra o magro ganha-pão, o sucesso fácil, a cômoda posição social no mundinho. Os meus livros, se não valem, valem por ser o documentário de uma situação que ainda tinha caráter cultural. Hoje, com a invasão dos rádios de pilha, da televisão, os costumes estão mudando. Os meus livros ficaram como instrumento de nostalgia, o registro de uma cultura que está sendo destruída pela invasão da Amazônia. Uma espécie de destruição sistemática dos costumes, sem fixar o progresso, sem dar benefícios às populações. O quadro cultural está mudando. Mas o quadro de pobreza e exploração persiste. A situação social e humana vai para pior. Existe o progresso técnico, mas para destruir, para manter a exploração. Tem um padre Giovanni Gallo, que mora no lago Arari e faz reportagem a respeito do lago, sobre a vida das pessoas, seus problemas. E é a mesma condição de vida que está no "Marajó". Mesmíssima.

Diante dessa invasão, como reagirá o homem?

- Talvez ele tenha uma vitalidade, uma solidariedade capaz de reagir a esse desmatamento cultural. Eu tenho esperança.

Não há pessimismo?

- Nós somos obrigados a ter um pessimismo viril, como dizia Gorki. Um pessimismo positivo, que venha da crítica constante. Um pessimismo com esperança.

Em linha do Parque você saiu da realidade do Extremo Norte. Fale um pouco sobre esse livro.

- Linha do Parque se passa no outro Extremo. É a história do movimento operário no Rio Grande do Sul, desde 1895. Eu fiz uma pesquisa longa no meio dos velhos operários anarquistas. Levantei um quadro do Rio Grande. O livro não agradou. Os operários ficaram zangados porque eu não embelezei o quadro. Apareceu muita miséria. E eles ficaram zangados comigo. Mas é um livro em que eu tenho muita fé, como romance político.

Pergunta do Torres: Alguém me disse uma vez que os seus romances podiam ter feito tanto sucesso neste país quanto os de Jorge Amado. O que você me diz sobre isso?

- Não. Eu não sou um escritor de grande público. Os meus livros não têm o principal encanto das grandes tiragens, que é essa boa habilidade para fazer o leitor ser atraído pelo enredo, pelo desenvolvimento da urdidura. Eu me fixo muito na linguagem, nos vagares da narrativa, no ritmo lento das cenas.

O escritor de grande público, então, é sujeito a determinadas leis de consumo?

- Ah, é. Essas leis variam muito, mas em geral no mercado de livros o best-seller se obriga a obedecer às leis da narrativa simples. Ainda há pouco o Otto Maria Carpeaux disse que o Somerset Maugham era um grande escritor de grande público. Ele tinha a habilidade de fazer do livro um best-seller. Como Jorge Amado, um escritor nascido para o grande público. Ele escreve com muita ingenuidade, com muita liberdade, ele escreve como uma criança.

Mas será que só o fato de você não se submeter a essas leis determinou o recesso em que seu livros se encontram?

- Não. Eles foram mal distribuídos também. Todos os meus livros foram vendidos. Mas não houve uma preocupação de lançar novas edições. Houve apenas uma seleta de textos, em que apareceu um trecho de *Três Casas e um Rio*. Não recebi nada. Não me mandaram nem um livro. E já está em segunda ou terceira edição.

Pedro: - Qual a editora?

Dalcídio: - Bloch.

Pedro: - Não pediram nem autorização?

Dalcídio: - Nada.

Haroldo: - Você não agiu...?

Dalcídio: - O *Autran Dourado* moveu um processo, mas até agora perdeu.

Torres: - Esse processo incluía todos os autores ou só ele?

Dalcídio: - Só ele.

Torres: - Você não acha que se todos tivessem feito o mesmo que o *Autran*, isso reforçaria a posição...?

Dalcídio: - Reforçaria, reforçaria.

Torres: - Parece que, em certos momentos, se a gente silencia, a gente é...

Dalcídio: - É conivente. O *Autran* moveu o processo, mas o tribunal deu ganho de causa à Bloch. Por que, não entendi. Existe uma versão de que o objetivo da antologia era didático.

Pedro: - Mas de qualquer maneira esse livro foi vendido.

Haroldo: - E o autor ficou à margem dos lucros...

Torres: - Do resultado do seu trabalho, né? Todo mundo ganhando dinheiro, menos ele, né?

Apesar desse ato de pirataria, apesar de ter sido prejudicado pela desatenção do poder editorial, apesar do salário modesto que recebeu trabalhando nessa pedreira que é a criação literária, apesar de tudo Dalcídio não se queixa. E o maravilhoso é que essa falta de compensações materiais não afetou os seus estímulos profissionais.

- Um livro, uma obra não é sonhada nesses termos. Desde os vinte anos, eu sonhava em fazer uma obra que fosse o pensamento da juventude. Isso eu coloquei fora de qualquer objetivo de mercado. Eu coloquei em primeiro lugar a fabricação da obra. Fabricar a obra, um trabalho diário que importava na renúncia de todas as coisas. E apesar de tudo eu a interrompi. Tive de interromper por imposições médicas. Mas talvez ela tenha um certo encanto por ser assim interrompida. Um personagem principal que ainda é jovem, que não envelhece, ao contrário do que acontecesse nos romances russos. Tolstoi, por exemplo, no *"Guerra e Paz"*, faz a vida nascer, crescer e morrer. A *Sônia* fica gordona, perde os encantos da moça que era. Eu, observadas as proporções, deixei que o livro se interrompesse bruscamente. O jovem personagem não envelhece. A marcha do jovem não termina.

O que talvez explique a fé de Dalcídio nos jovens escritores brasileiros.

- Eu acredito que os novos tenham muito mais conhecimento da realidade brasileira. Eles estão mergulhados na realidade, no drama brasileiro, no drama de uma nação subdesenvolvida em sua passagem para o capitalismo. Isso cria problemas traumáticos, que vão tocar a sensibilidade do escritor. É no meio disso tudo e sob a ação universal das informações que ele pode criar uma linguagem, uma obra mais brasileira e, ao mesmo tempo, mais universal.

Os padrões de universalidade de Dalcídio são altos. Ele citou várias vezes o *D. Quixote*. Para ele, a literatura ainda tem de vencer as barreiras da língua e do subdesenvolvimento.

Dalcídio tem uma grande humildade diante da literatura. Pelos seus padrões, ele se julga um escritor menor. Mas que ninguém confunda: isso é humildade, não é modéstia.

- Não me considero modesto. Eu confio no meu juízo a respeito da minha obra. É uma obra menor. Não tão importante como as mais importantes. Mas uma obra concebida com muita franqueza e muito trabalho.

Uma obra que precisamos tirar urgente do purgatório. Como o próprio Dalcídio falou, a respeito de outro escritor:

- Quando um escritor tem um talento, ele se salva. Não há nenhum escritor de valor que se perca. Isso me parece uma lei da literatura de todos os tempos.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Começar o artigo por uma entrevista, objeto nuclear de meus investimentos com esta leitura, consiste em perspectivar naquilo que rotulei como “leitura bourdieusiana” de uma entrevista proferida por um dos relativamente expressivos escritores que o campo literário apresentou como filho ilustre: Dalcídio Jurandir. Em 1976, três anos e alguns meses antes de sua morte, Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão foram a Laranjeiras, no Rio de Janeiro, e realizaram a entrevista “Um escritor no purgatório” com o escritor nortista à época considerado, por grande parte da crítica (relevo expressivo a figura do crítico Benedito Nunes), como um dos mais conceituados literatos do Brasil, da Amazônia.

O teor da entrevista realizada, de cunho essencialmente avaliativo/memorialístico, de uma vida dedicada às letras (e por meio desta do registro/denúncia de algumas questões da Amazônia, do campo literário em seu tempo), abriu possibilidades para se pensar alguns conceitos advindos da reflexão teórico-prática de Pierre Bourdieu. Assim, o artigo tentará empreender uma leitura de determinados conceitos bourdieusianos, possíveis de serem observados/debatidos ao se voltar atentamente à mencionada comunicação proferida em 1976.

Em termos metodológicos, buscar-se-á aproximações a uma abordagem capaz de configurar o escritor e seus pares no campo literário (e nos microcosmos literários), sua obra como capital cultural objetivado, seu público como parcela social receptora e integrante de seu escrito bem como os contornos tomados pelas regras do campo literário principalmente no que se refere à produção, apropriação, circulação de suas obras.

Dentre as conclusões oriundas da leitura da entrevista com o escritor nortista é possível destacar, guardada as devidas diferenças, o percurso do “trânsfuga da Amazônia paraense”, consideravelmente similar àquele vivenciado/refletido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o que estabiliza o debate de conceitos pertinentes a agentes que, mesmo nascendo em condições desfavoráveis, operaram a partir dos “espaços de possíveis”, e, assim, conseguiram certa posição e produção considerável no campo literário/intelectual.

A seguir buscarei esboçar algumas questões relacionadas à vida do amazônida Dalcídio Jurandir, escritor e proprietário de um capital específico, ocupante de uma posição ambígua no campo literário.

## O ESCRITOR, SEU CAPITAL ESPECÍFICO E AS LUTAS NO CAMPO LITERÁRIO

A entrevista, inserida logo no início deste artigo, foi realizada em Laranjeiras/RJ – Brasil, e teve como centro o escritor Dalcídio Jurandir, indivíduo nascido em Ponta de Pedras, município do estado do Pará, também Brasil. Filho de família relativamente simples, o menino desde muito cedo já começava a ver que a vida era feita de lutas. Estudou as primeiras letras em sua localidade de origem. Posteriormente mudou-se para a capital do estado, Belém. Estudou um pouco mais. Nada além do que hoje chamaríamos de “ensino fundamental maior incompleto”. Entrou no mundo das letras de forma quase autodidata. Cedo também se filiou ao partido comunista, escola esta que, junto as suas vivências e o sonho/vontade de escrever a história do povo simples da Amazônia, deram sentido e possibilidade a sua trajetória como escritor.

Em 1976 já tinha escrito/publicado quase dez romances (o que ele rotulou de “Ciclo Extremo Norte”), exercera as funções de inspetor e diretor escolar, jornalista, além de ter obtidos consideráveis prêmios literários a citar o mais expressivo, de acordo com o campo literário nacional, o prêmio Machado de Assis, ofertado pela Academia Brasileira de Letras, em 1972 pelo conjunto de sua obra.

Talvez, de forma contraditória, o que se observa alguns anos depois dessa vida de láureas colhidas até 1972, é um escritor abalado por uma degenerativa doença, vivendo sem muitas sofisticções, de forma inversa ao viver de alguns escritores, aqueles “possuidores do dom”. Já no começo da entrevista, em 1976, em termos simbólicos, temos indícios da posição do escritor no campo literário: o purgatório. Sobre esta localização, minhas compreensões buscam ir avizinhas das daquelas designadas pelos franceses da época: corresponde ao lugar de um escritor nem no céu nem no inferno da Literatura.

Em princípio, penso ser oportuno dialogar neste momento com um dos mais expressivos intelectuais franceses, Pierre Bourdieu, especificamente, neste momento inicial, com seus investimentos teórico-práticos registrados em *Razões Práticas* (2011) e *Coisas Ditas* (2004). Ao fazer isso passo a entender que tal condição (estar no purgatório), sinaliza, dentre outras observações possíveis, para a posição de um escritor dominante e dominado, em estágio de “sofrimento” e “purificação”, naquele ano.

Começo por esta última condição. Vindo de uma condição social desfavorável o homem simples das Letras chega ao ano de 1976 entre aqueles escritores detentores de



considerável capital cultural necessário ao reconhecimento dos pares (dominantes)<sup>1</sup>. Clarividente que isso só se tornara realizável a partir do momento que Dalcídio faz uso desse espaço de possíveis (o senso comum dirá oportunidade) que a vida lhe apresenta, e assim, envereda ao mundo das letras. Para a inserção neste microcosmo foi necessário certa clivagem de habitus passando por Gorki, Cervantes, Tolstoi e tantos outros autores melhores posicionados no campo literário, uma vez consagrados como literatos universais.

Da nomeação simples seu nome carregava, em 1976, o poder simbólico de um “Jurandir”, um “índio sutil, homem íntegro que já havia andado muito caminho e erguido bandeiras invencíveis”<sup>2</sup>. Todavia, na segunda metade dos anos 70, quase que de forma conjunta às glórias obtidas, habitava na vida do escritor um momento delicado, verdadeiro sofrimento já decorrente desde aproximados nove anteriores anos quando se constataria a manifestação do mal de Parkinson, em seu organismo. Uma degeneração físico-nervoso que se avolumara e ganhara dimensões de violência simbólica dada à posição ocupada pelo literato naquele ano de 1976, no campo literário: escritor esquecido, vítima de piratarias por algumas editoras, um escritor menor, com determinado acúmulo de capital (talvez difuso em suas inculcação e assimilação), que tocou flauta tosca, humilde, como ele se classificou na entrevista.

“O purgatório”, localização do escritor amazônida no momento do encontro com os entrevistadores, possibilita a compreensão de que Dalcídio ocupou a posição relativamente dominante, por herdar certo capital cultural (o que lhe conferiu um oscilante prestígio no campo literário), e dominada por pertencer ao campo dos intelectuais paraenses/amazônidas, fração dominada no campo do poder, no campo literário (além de situar-se na posição dominada por não pertencer ao campo do poder, é possível dizer que ocupava a posição de dominado se relacionado seu pertencimento à geração de intelectuais nortistas e o campo literário nacional e universal).

Esse agente dominado se declara escritor menor, residindo em si efeitos da dominação, iguais àqueles que habitavam o inconsciente de Fanny, Hélène e Ramus, para citar alguns dos

---

<sup>1</sup> Para se ter uma ideia, em 1976, é possível destacar as seguintes premiações literárias conquistadas por Dalcídio Jurandir: Prêmio Dom Casmurro, Editora Vecchi, 1940; Prêmio Paula de Brito, Biblioteca do Estado da Guanabara, 1960; Prêmio Luiza Cláudio de Sousa, Pen Club, 1960; Prêmio Machado de Assis pelo Conjunto da Obra, Academia Brasileira de Letras, 1972.

<sup>2</sup> Estas palavras, mencionadas aqui de forma quase literal, corresponde ao final do pronunciamento de Jorge Amado, em 1972, no momento da entrega da premiação “Conjunto da Obra” à Dalcídio Jurandir.

“Excluídos do Interior”, presentes na obra *A Miséria do Mundo* (2011). Mesmo que não perceba, se observada sua posição/declaração à luz de parte da análise empreendida em *A Distinção* (2013), compreende-se que há certa adaptação à posição dominada de um escritor com capital cultural fragilizado (principalmente o institucionalizado, pela ausência de um diploma).

Por transferência, possibilitada por mecanismos de dominação que estigmatizam, ele aceita (e transfere) sua condição social original desfavorável e a converte em pouca aptidão ou aptidão limitada em termos literários. Em contrapartida, as posições por ele ocupadas, somada ao seu capital cultural (em estado incorporado e objetivado), o posicionam no mesmo patamar daqueles agentes descritos em *Amor pela Arte* (2007) e *As Regras da Arte* (1996): um agente privilegiado e dotado da faculdade necessária de decifrar e representar a “obra-vida”, principalmente, em seu caso, aquele viver específico e universal avistado na Amazônia.

Observado à luz dos conceitos de história reificada e história incorporada, presentes na obra *O Poder Simbólico* (2010), Dalcídio significa para o amazônida simples e para o campo literário, o romancista singular detentor de um habitus incorporado em que a história da Amazônia foi bem assimilada/aprofundada (ao ponto de atravessar as fronteiras do Marajó e Belém). Como produto desse habitus temos as obras de Jurandir, verdadeiros habitus objetivado, quer dizer, a história acumulada ao longo do tempo e re-apresentada em forma de tratados “etnográficos-ficcionais”.

Ao investir um pouco mais nas palavras proferidas por Dalcídio na entrevista, chego a inferir, orientado pela lógica da classificação, desclassificação e reclassificação, debatida em *Escritos de Educação* (2012), que o escritor nortista se via (e era, ao que parece) - se compararmos aos agentes do campo literário nacional e universal, principalmente - um agente com menor volume de capital, o que lhe leva a um nível baixo de aspiração social, perseguindo fins compatíveis com suas limitações objetivas (observava-se como *escritor* do Marajó e não *Romancista* da Amazônia).

Hipoteticamente, seria possível dizer também que, o auto-enquadramento como escritor do Marajó, a auto-definição como “humilde”, e a modesta condição social/econômica caracterizada pela celebração simples, de seu aniversário, regada a pudim e refresco de maracujá, em Laranjeiras, RJ, corresponde a indícios dessa simplicidade inculcada e assimilada em sua trajetória de vida. Um “grande” escritor estaria em seu aniversário sem a bajulação de muitos “amigos” e imprensa de grande porte, e em lugar de grandes cerimônias?

Dada estas possibilidades interpretativas, ao que parece, o grande volume de capitais acumulado por Dalcídio possibilitaram simplória alteração na posição que ocupou na estrutura social, condição essa observada (inclusive por ele próprio) como condição naturalmente cultural.

Assim, caberia a um agente parcialmente valorizado, lido/compreendido (talvez) de forma inadequada, em pleno término de sua carreira/vida mobilizar alguma ação visando romper com tais disposições? Provavelmente sim. A leitura de um fragmento, elaborado e lido, por ele próprio no início da entrevista, possibilita em torno de si muitos entendimentos sobre este aspecto.

Ao acionar as ponderações de Bourdieu, apresentadas no debate com Roger Chartier e transcritas em *Práticas de Leitura* (2011), penso ser pertinente ventilar duas indagações relacionadas ao ato de ler seu próprio texto: com qual intenção Dalcídio Jurandir veicula esta ação? Por que esse modo de usar (leitura em voz alta, repleta de recursos linguísticos)? Feita estas inquirições, tenho como ponto de partida a hipótese de que aquele texto, na manipulação do escritor, merecia a entonação (e recepção) planejada por ele, uma manipulação adequada, essencial. Em outras palavras: havia e há, para seus textos (e aquele em particular), uma maneira adequada, uma chave correta de interpretação. Daí a necessidade dele próprio efetuar a leitura.

Talvez na transcrição/publicação desse pequeno texto que lera aos entrevistadores em 1976, fosse necessário instalar determinadas marcações gráficas. Uma visualização atenta perceberá que este texto é construído por figuras (de linguagem, estilo – dentre outros recursos), ou seja, recursos da língua, atestando o próprio escritor como alguém que se apropriou de um considerável capital cultural (alguém que fez um trabalho bom, humilde como ele próprio pondera no final da entrevista). Outros entendimentos são possíveis de se extrair dessa passagem da entrevista publicada. Ao seguir, por exemplo, a orientação da Ilusão biográfica disposta em *Razões Práticas* (2011), compreendo que na entrevista o escritor d'água investe e postula, consciente ou inconscientemente, o sentido de sua existência e de suas obras, torna-se ideólogo de sua própria vida, colaborando na construção de seu próprio projeto criador, em função de sua percepção das possibilidades disponíveis, inscritas em seu habitus.

Da leitura do fragmento às declarações relacionadas a disputas no campo literário nacional/universal, há um emolduramento da imagem de si (feita por si, pelos possíveis de



que dispunha). Em contrapartida, a declaração dos entrevistadores parece concordar com esse sentido de “escritor que é”, mesmo com poucos recursos. Quando se fala em recursos associado à imagem desse escritor, é possível emprestar a argumentação bourdieusiana utilizada em *Contrafogos* (1998) e dizer que se tratou de um intelectual que construiu aquilo que julgou ser o tratado mais rigoroso possível acerca das desigualdades sociais (convertida em várias outras desigualdades, a educacional, por exemplo).

Ao que parece, por meio da leitura da entrevista se entende também que o compromisso dalcidiano se fez em consonância à sua posição no espaço social e as estruturas mentais que apreendeu deste espaço: a vida é feita de lutas. O combate foi verdadeiramente realizado no terreno que lhe foi possível (campo literário, jornalístico, educacional). Como desdobramento desta questão, pode-se dizer que a relativa fragilidade de sua herança e os poucos investimentos econômicos-midáticos-editoriais, em torno de sua produção, o colocaram, junto ao seu legado, em posição muito próxima ao ostracismo, o pouco reconhecimento, o não reconhecimento legítimo.

Sobre esta questão é salutar visualizar suas obras/produções ficando para uma posteridade, favorecem a inserção, no plano teórico-prático social, de um elemento (habitus objetivado), clínico e não cínico. Na obra *Sobre a Televisão* (1997), Bourdieu diferencia tais conceitos apontando que neste último reside à apropriação do conhecimento das leis e da tendência para tornar suas estratégias mais eficazes; em oposição, uma ação (legado) clínico, essencialmente, é utilizado para combater.

De forma difusa, temos uma obra dalcidiana que combate ao trazer as desigualdades sociais e educacionais do amazônida, por exemplo. Contudo, utiliza, em grande parte, recursos, meios e capitais advindos daqueles classificados como dominantes. De certa forma, houve por parte do escritor a intenção de combater apropriando-se, em grande escala, da dicção utilizada pelo capital dominante. Se assim não procedesse, dada as injunções que vivera, teria outra forma de operar em favor do desvelamento?

Vem daí a percepção da influência universal de Dalcídio (representada por grandes escritores que ele cita, segundo os entrevistadores), além daquele capital herdado da gente comum, anunciado por ele próprio e poeticamente visualizada, por exemplo, no fragmento que leu em voz alta. Em algum momento, o que se observa é certa recusa de parte desse capital legítimo (capital cultural dominante), quando o escritor, em suas palavras, mais parece se filiar ao clube da gente da estiva, dos agrupamentos de pessoas marginalizadas.

Partindo dessa esteira compreensiva as noções de “delícia” e “forma de satisfeita revolta”, no ato de escrever, se apresentam coerentes. Ao incidir luz sobre estes dizeres, penso ser adequado, dentre outras possibilidades, avistar tais ponderações como resposta à violência simbólica, violência esta analisada na obra *A Reprodução* (2013) e em *Meditações Pascalianas* (2001) como pontos de vista particular, dominantes e universais, visões privilegiadas daqueles que dominam direta ou indiretamente o estado, a literatura, a arte e todos os outros meios e bens de produção cultural.

Fica a impressão que, dada sua formação política junto ao partido comunista, Dalcídio tinha a clarividência capaz de entender que o que ele e muitos outros intelectuais sofriam, corresponde a uma forma de violência que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja econômica, social ou simbólica, se fundando na fabricação contínua de crenças que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante.

Em retaliação a esse capital e estratégias da cultura dominante, há os movimentos de ojeriza ao instituído. Na entrevista, quase que de forma explícita, esse movimento de forças e lutas no campo do poder, especificamente no campo literário, é muito intenso, visível. Esta conjuntura de tensões Dalcídio evoca quase que de forma categórica quando comparado a Jorge Amado e, indiretamente ao mencionar Somerset Maugham.

A definição dos campos explicitada em *Razões Práticas* (2011) diz muito dessa fração do espaço social que é o campo literário: um campo de forças e lutas movimentado por necessidades dos agentes que, entre si, se enfrentam “armados” com meios diferenciados, variando conforme suas posições no campo de forças o que os leva a ruptura ou conservação das leis ali estabelecidas.

Se, por exemplo, proponho comparação entre Somerset Maugham, Jorge Amado e Dalcídio Jurandir, constato logo de início que cada um parte de necessidades diferenciadas. Ao julgamento de Dalcídio, tanto Jorge Amado como Somerset Maugham mobilizam a literatura em prol do mercado, do lucro. Ele, até mesmo por não obter consideráveis capitais econômicos e ter em mente (por meio da inculcação/assimilação) a fabricação da obra em primeiro plano, indiretamente observa os “colegas” escritores de forma negativa. No entanto, há, em suas palavras, certo desconforto por não ter a consagração no campo literário equivalente àquelas obtidas pelos dois literatos.

Ainda sobre sua comparação com os outros dois escritores alguns pontos merecem relevo. Dalcídio é autodidata. Jorge Amado assim como Somerset Maugham traz consigo capitais culturais específicos (capitais econômicos, institucionalizados principalmente). No mínimo, pode-se pensar que os outros dois escritores teceram boas relações, o que lhes reservou posições superiores, de dominantes no campo literário. Isso possibilita a aquisição de um capital/posição diferenciados e, por extensão, uma luta em que desde seu início já se declara os vencedores.

Observada estas trajetórias no ano de 1976, compreendo que o capital cultural de Jorge Amado e de Somerset Maugham (“de berço”, uma vez que são herdeiros de “bons capitais”), os possibilitou melhores posições no campo e, conseqüentemente, projeções incomparáveis no campo literário. É de se pensar também que, independente dos temas abordados, as produções de Jorge Amado e Somerset Maugham dado o local conquistado, aderiram muito mais a conservação do que a alteração do campo.

Neste sentido, é aceitável a ideia de que a real necessidade de Dalcídio consistiu em não lucrar financeiramente (até porque no jogo ele sabia de seus possíveis, de seu capital, das “regras e sentido daquele jogo”). Talvez, seu intento residia na esperança do habitus que fica e posteriormente é incorporado. E essa é, possivelmente, uma das certezas que seu “pessimismo viril” encontra alento: jovens escritores que herdaram lutas anteriores (acertos e erros) e, ao tomarem conhecimento do jogo em suas tramas e sentidos ocultos, tem a condição de alterar o campo literário, e relativamente o campo de poder.

## **DESIGUALDADE SOCIAL CONVERTIDA EM DESIGUALDADE LITERÁRIA**

Ainda de forma retrospectiva tomemos agora o agente Dalcídio Jurandir. O escritor, situado em 1976 no “purgatório”, um dia foi criança, jovem, teve um habitus incorporado, objetivado e parcialmente institucionalizado, em seu viver. A infância e juventude do escritor são apresentadas, na entrevista, como exemplos fecundos aos conceitos de habitus incorporado, por exemplo. Em *Meditações Pascalianas* (2001) apreende-se esta contribuição bourdieusiana: o habitus não advém de exclusivamente de fatores externos nem tampouco são oriundos da exclusividade interna que os indivíduos já trazem consigo, mas correspondem a inscrições corporais passadas que nos indivíduos habitam, e por elas tais indivíduos, na verdade agentes, definem o mundo que vivem.

Foi assim com Dalcídio Jurandir: da realidade simples e incorporada (de garoto do interior do estado, com possíveis bastante limitados), surge um produtor de expressivo mosaico romanesco que, não diferenciado substancialmente de sua realidade vivida, acabou ganhando “vida” tanto no menino que se fez escritor, adulto, como na objetivação desse habitus, caracterizado com romances também de vozes fracas, curtas, diluídas

Em outros termos é pertinente dizer: habitava em 1976, em Dalcídio, certo desmerecimento muito advindo do habitus de pouco valor que incorporou e objetivou em sua produção. Em *Amor pela Arte* (2007) Bourdieu e sua equipe verbalizam que a escola acaba por legitimar uma desigualdade social em desigualdade escolar, apresentando como conteúdo e valores, quase que de forma geral, as questões advindas da cultura dominante. Há uma relação direta do capital cultura dominante com o saber veiculado na escola.

Em comparação a esta reflexão, pode-se dizer que o escritor marajoara é herdeiro, em sua inteireza, de um capital não correspondente ao que a escola/campo de poder entende por cultura dominante/major, mas todo o acúmulo que a sociedade simples consegue adquirir e processar, em solo amazônico. Determinadas aptidões são herdadas, e estas o fazem, na pesca literária, pescador de “peixinhos ordinários”, como ele próprio define. Penso que aí, dado o certo desprestígio que a obra de Dalcídio encontrou no campo literário (e de poder), repousa mais desvalia que sorte dada à moeda de troca de pouco valor a qual nasceu o proprietário.

Não seria demasiado expressar que o escritor nortista foi dono de um capital que, em quase todo seu montante, fugiu das regras e leis do jogo estipulada pelo campo, o que lhe conferiu lucro baixo dada a investida em temáticas de contraposição e expressão tangencial ao campo. Simultaneamente tem o escritor paraense relativa perda no campo de poder/literário bem como relevante recompensa junto àqueles “bem-nascidos”, da cultura dominante.

No geral, Dalcídio trabalhou com as ferramentas que dispunha e que foi possível usar. Esta “obra ordinária”, elaborada por ele, não foge ao que Bourdieu conceitua em *Razões Práticas* (2011) como produto do espaço de possíveis, como já venho reiterativamente afirmando nesta leitura. Por meio desse espaço é que se torna possível entender que mesmo sendo uma obra inventada, criada, está de acordo como os demais produtos de sua época, datados, situados, uma dentre outras produções possíveis e com relativa autonomia em relação às determinações diretas do ambiente econômico e social.

Ainda sobre essa sua “herança difusa”, o próprio Dalcídio declara, de forma sutil, que herdou um determinado capital específico, e este, quando transferido/investido ao campo

literário (campo de forças e lutas com regras específicas, como Bourdieu bem define em *As Regras da Arte* (1996), repercutiu em tentativa simplória uma vez que pouco abalou a relação de forças estabelecidas no campo literário.

Como não nasceu com o determinado “capital genético”, semelhante aquele habitado desde cedo nos produtores culturais ditos “grandes escritores”, o esforço de Dalcídio foi caracterizado pela necessidade de incorporação/aquisição de um capital diferente do seu, capital caracterizado pelo que era imposto pelos produtores culturais como legítimo. Em minha leitura, sublinho novamente que, ao fazer isso, o escritor amazônida utiliza o capital acumulado para se opor aos valores e regras instituídos em seu campo, agindo, em algum momento, parecido com aquilo que Bourdieu afirma, em *Contrafogos* (1998): Alguns, pelo espaço de possíveis que tem, se apropriam de um determinado capital e tentam contrapor, subverter o instituído, na esperança de alterá-lo. No caso de Dalcídio, tal ação na lhe custou lucros, mas um valor oscilante, quase de pouco apreço, no campo literário. Houve mudança em sua posição social.

E essa mobilidade, de acordo com o relato na entrevista, já tinha sido sonhada desde a juventude. Jovem, do interior do estado, com poucos estudos escolares (o “ócio” pelas cidades de Belém e Cachoeira do Arari atestam isso) passam a comunicar expressivos elementos. Uma aproximação ao raciocínio desenvolvido em *Práticas de Leitura* (2011) me arremessa a enquadrar, neste momento, algumas condições nas quais ele produziu essa necessidade: o nível de instrução apreendida por este amazônida e à qualidade/quantidade de investimentos executados.

Pela entrevista, poucas conclusões oportunas tenho, todavia, entendo que estas duas condições se dirigem, sumariamente, aos “clássicos”, entendidos como autores e obras consagradas no campo literário. Muito provavelmente (e não exclusivamente), a Literatura Universal foi o grande espelho na formação do jovem que queria ser “escritor voz” do povo simples. Essa inculcação e assimilação dos valores eruditos o levam a rivalizar sua condição econômica baixa, seu baixo nível de estudos escolares, sua posição dentro do próprio campo literário.

Como já pertencia a uma classificação social que o identificava (gente simples da Amazônia), cabia-lhe o investimento qualitativo e quantitativo no capital cultural dominante. Este poderia trazer (como trouxe, em parte, pelo reconhecimento oscilante), certa variação em sua posição social, pelo menos em termos simbólicos. Em algum momento posso dizer que



Dalcídio, consciente ou inconscientemente tipificou a figura do desmancha-prazeres ao denunciar um quadro desigual que a sociedade brasileira apresentou e ainda apresenta. E para isso usou como arma de denuncia uma das principais ferramentas do dominador.

Quando o debate se aproxima de polos opostos e dependentes (dominadores e dominados), é visível, já na entrevista (embora de forma disfarçada), a concorrência entre “experiência” e “saber”. Se me aproximo das reflexões traçadas por Bourdieu em *A Distinção* (2013), passo a especular que o investimento dalcidiano consistiu em, direta ou indiretamente, sobrepor a experiência em relação ao saber.

E para empreender esta “mensagem” teve, por imposição do campo, de se apropriar ainda que com imperfeições, dos valores e regras do campo literário. Nessa transposição do escritor (autodidata) que “mescla capitais”, ou seja, usa as regras da cultura dominante para veicular a cultura dominada, fica latente também a tentativa de troca de reconhecimentos: cabe ao saber familiar, ainda que sem muitos costumes, transitar pelo prestigiado lócus do saber escolarizado, da cultura legítima e dominadora.

Na entrevista, em suas respostas se percebe as influências dos melhores posicionados no campo literário, os detentores desse saber que não é seu por completo, que não lhe foi entregue já em seu nascimento. Vinculado a sua origem está um capital que, ao que parece, o faz muito orgulhoso de ser possuidor dele. As vivências que teve como menino do interior do estado, do subúrbio da capital, do clube de gente comum, o fez, se emprestada algumas conclusões presentes em *Meditações Pascalianas* (2001), um agente que aprendeu pelo corpo, numa relação de ser e estar no mundo, o que lhe conferiu imbricamento com seu contexto de vivências.

Algumas formulações apresentadas em *O Poder Simbólico* (2010) e *Usos sociais da Ciência* (2004) me levam a entender que, na pouca aproximação, acesso e permanência de Dalcídio a escola, o partido político o qual se filiou (Partido Comunista, como mencionado anteriormente) somado às experiências de vida, criaram nele, formas e categorias de pensamento, desde a juventude. Reiterando uma compreensão já disposta, no entanto necessária aqui de retomada, Dalcídio é semelhante aqueles nascidos com determinado “dom”, parecido àqueles descritos em *O amor pela Arte* (2007): seres dotados da faculdade de se apropriar dos bens culturais, embora não tenha nascido em uma dimensão social favorável, o que lhe custou uma brutal clivagem de seu habitus, processo esse desenvolvido em toda sua vida, lento, com muita dedicação, afincos e cumprimento de obrigações salutares e

angustiantes. Tal ação, a certo ponto, fez com que não fosse por inteiro sujeito de suas práticas.

A filiação ideológica assumida pelo escritor (posição política), o capital específico que detinha e a posição que ocupava no campo lhe levaram a assumir, em parte, a arriscada necessidade de não conservar o “sentido do jogo”, mas a subversão. Em Dalcídio, talvez intuitivamente, habitava a necessidade de alterar a estrutura dessa distribuição de capital, de reconhecimento. A este exercício realizado pelo escritor do norte, ao que parece, restou a especificação de tentativa quase bem sucedida, porém verdadeira, franca, feita com sofrimento e prazer. Esta sua ação, registrada na entrevista, me possibilita pensar que se tratou de um escritor que buscou, até o término de sua vida, a elaboração de uma literatura não submentida às injunções de mercado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como atribuição final, é oportuno comunicar que o artigo, dado à perspectiva anunciada, não tentou “mover”, em termos ilustrativos, Dalcídio Jurandir do Purgatório, mas empreender leitura dessa posição oscilante, condição essa ambígua e muito comum ao Purgatório.

Como a escolha de um instrumental analítico pujante, como é o caso das proposições de Pierre Bourdieu, é possível que em alguns momentos a leitura tenha seguido os contornos de uma apropriação “conceitual tópica”, de acordo com as observações de Afrânio Catani, Denice Catani e Gilson Pereira (2001) quando resgatam o conceito de apropriação desenvolvido por Roger Chartier. É possível. Porém, a intenção maior, com a fabricação deste escrito, consistiu em fazer da entrevista uma fonte pertinente para o registro e leitura da vida do intelectual amazônida, acrescentando, com efeito, ao debate relacionado à história dos intelectuais brasileiros que, direta ou indiretamente, somaram para as configurações/entendimentos em torno da sociedade.

É notório, a partir da entrevista, que ao optar por representar seu povo a partir de valores específicos, Dalcídio não joga, em sua plenitude, as regras do jogo, lhe cabendo assim um parcial reconhecimento e consagração. Talvez, com a publicação de suas obras resida o que nos ensina Pierre Bourdieu em *Contrafogos* (1998): junto à circulação de ideias está a

circulação de poder. Sob este domínio, as vozes fracas e quase inexistentes de seus personagens ganharam certo espaço no celeiro cultural da classe dominante.

É de se pontuar, em um último momento, a consciência de que uma interpretação, em algum momento fatalista ou determinista, não pode levar em consideração a obra/produção/dizeres pela vida do autor, contudo, é pertinente dizer que as vivências como menino simples e jovem ocioso em Belém, registradas na entrevista, serviram de conteúdos importantes para a elaborações de um ciclo romanesco capaz de tratar das diferenças sociais, sob certo domínio particular e, dada a profundidade perspectivada, sem limite de tempo e espaço.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. A leitura: Uma Prática Cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte**: os museus de arte na Europa e seu Público. 2ª ed. São Paulo: editora da USP; Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Educação** (Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani). 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Miséria do Mundo**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da Ação. 11ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Usos Sociais da Ciência**: por uma Sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos**. Tática para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Televisão**. Seguido de A influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **As Regras da Arte**. Gênese e Estrutura do Campo Literário. Tradução de Lisboa: Editora Presença, 1996.

CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Barbara e PEREIRA, Gilson R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**. n.17, Rio de Janeiro Maio/Agosto, 2001.

**Um escritor no Purgatório**. In: Revista “Escrita”. Entrevista com Dalcídio Jurandir por Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão. São Paulo, 1976, p.3-5. (Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, RJ: acervo “revistas”).